

A Utilidade

das Crises

26. V Raul Pilla 58

ESTA passando a França por grave crise. O aspecto mais agudo desta é a exacerbação do sentimento nacionalista, sempre muito vivo naquêle país. Aos poucos, como aconteceu com a Inglaterra, vê-se obrigado o grande país mediterrâneo a ir libertando os melhores pedaços do seu vasto império colonial, mas com isto não se conformam grandes correntes da opinião.

Foi esta inconformidade o que determinou a queda do gabinete Gaillard, cuja política era a mais razoável que se poderia fazer. A extrema direita e a extrema esquerda uniram-se na exploração do patriotismo do povo francês.

A apregoada instabilidade do governo no sistema ali em uso evitou possivelmente uma revolução, ou um golpe militar, que provavelmente se produziria com um sistema rígido, como o presidencial. Adotada por um governo estável e imutável dentro do período do seu mandato uma política contrária ao sentimento nacional e, pior ainda, ao dos militares, o mecanismo constitucional provavelmente estalaria. Não é uma simples presunção, mas uma conclusão segura, tirada da História. A França, que era o país clássico das revoluções, dos golpes de Estado, das frequentes mudanças de regime político, passou a ter uma admirável estabilidade nas suas instituições, desde que, em 1875, adotou o sistema parlamentar, embora desnaturado num quase governo de assembléia. Nunca mais houve uma revolução, ou um golpe de Estado, não obstante as tremendas vicissitudes históricas, por que passou o país, duas vézes invadido e ocupado.

Justamente porque a maioria dos franceses conhece e aprecia esta vantagem da instabilidade, é que até hoje, decorrido quase um século, não se cuidou seriamente de corrigir o defeito, estabelecendo o verdadeiro sistema parlamentar, segundo o molde britânico, embora seja crescente a corrente que o preconiza.

Não deixa, por isso, de ser cômica a preocupação dos estrangeiros, principalmente a dos habitantes do Continente presidencialista, com a instabilidade do governo francês, fenômeno geralmente incômodo, mas certamente útil. A prova de que assim o entendem os franceses, têmo-la num despacho de uma importante agência telegráfica. Referindo-se à pouca probabilidade, que tem o último político convidado, sr. René Pleven, de formar o gabinete, relata o correspondente: «Uma fonte informada disse que os deputados não têm, ainda, muita pressa de votar sobre a aceitação do novo candidato à chefia do governo, por acreditarem que a crise ainda não amadureceu bastante».

Perceberão os nossos remanescentes presidencialistas a sabedoria que nesta expressão se contém? É necessário dar tempo a que se aplaquem as paixões e a razão volte a dominar, para que se possa constituir útilmente um novo governo. A grande utilidade das crises ministeriais, principalmente quando se prolongam, é justamente, obrigar a uma acurada revisão dos dados da questão. Enquanto isto não acontecer, a crise não estará bastante madura para ser resolvida.